

Sine diz que DF tem a maior renda *per capita*

O Rio de Janeiro é a terceira capital do País em termos de renda salarial *per capita*, com o salário médio estimado em 2,72 salários mínimos. Em primeiro lugar vem o Distrito Federal, com 3,55 salários mínimos por habitante, seguido por São Paulo com 3,02. A informação é do coordenador do Sistema Nacional do Emprego (Sine), do Distrito Federal, José Walter Vasquez.

Segundo ele, o Distrito Federal possui a marca de maior salário médio do País e, em contrapartida, o título de maior concentração de renda. De acordo com dados do Sine, 48 por cento da mão-de-obra empregada recebem até três salários mínimos, o que representa 225 mil trabalhadores que detêm apenas 15 por cento de toda a massa salarial da capital. Os 70.700 empregados que recebem acima de 10 salários mínimos, no Distrito Federal, chegam a ganhar até 49 por cento do volume global de salários pagos, apesar da oferta ter caído cem por cento no ano passado.

Aqui tem! Este é o nome do projeto que a Secretaria do Trabalho está executando e que será lançado oficialmente dentro de 20 dias, com o qual o Governo pretende não só atrair para a economia formal pequenas indústrias de fundo de quintal mas afastar o risco de recessão que a cidade começa a viver, pelo aumento do desemprego, e, principalmente, reforçar o volume de impostos arrecadados para Brasília.

O programa consiste na concessão, pelo Banco de Brasília, de financiamentos a aquelas pessoas que fabricam seus produtos em casa para venda avulsa. Os

empréstimos no valor de 47 OTN (em torno de Cz\$ 8 a 9 mil), por pessoa envolvida no trabalho, têm três meses de carência e igual prazo para pagamento, com juros de 10% ao ano, segundo explicou o coordenador do Sine no DF, José Walter Vasquez Filho.

O programa, de acordo com José Walter, já tem inscritos atualmente cerca de 4 mil industriais de fundo de quintal e a meta a ser alcançada este ano é de 1 mil 600 empresas. O funcionário do Sine afirmou que esta será uma das alternativas encontradas pelo GDF para evitar a recessão que já atinge alguns setores produtivos em decorrência da redução do volume de investimentos oficiais e da alta das taxas de juros, o que inviabiliza qualquer aplicação de capital na criação de novos empregos. Com o projeto Aqui tem!, a Secretaria do Trabalho quer viabilizar a produção de grande parte dos produtos hoje trazidos de outras regiões do País. Na mira do projeto está a produção de material escolar, de limpeza e outros que não exijam equipamentos sofisticados.

DESEMPREGO

Os dados da Secretaria do Trabalho mostram que, no segundo semestre, de 1986, foi nitida a queda do nível de emprego pois, enquanto no período de julho a novembro de 1985 a oferta era de 2,258%, no mesmo período do ano passado, caiu para 1,45%. Para a Secretaria do Trabalho, o efeito expansionista do Plano Cruzado na renda e no emprego colaborou para que o crescimento entre agosto de 1985 e julho de 1986 alcançasse uma taxa

de 4,72%. A situação piorou, entretanto, a partir do Cruzado II, que provocou o esgotamento da capacidade de absorção de mão-de-obra pelo sistema produtivo e do fraco desempenho do setor público, o que reduziu o nível de emprego a partir daquele mês.

Os principais responsáveis pela queda do nível de emprego, segundo a Secretaria, foram os setores de Comércio, (4,66%), Administração Pública (1,85%) e Serviços (3,54%). Comparativamente ao período de agosto de 1985 a julho de 1986, houve uma redução da oferta de emprego de 44%, 41% e 25%, respectivamente. O certo é que, de janeiro a novembro de 1986, o DF apresentou a menor taxa de crescimento do País: 3,59%, pois no mesmo período do ano passado, a capital chegou a registrar uma alta de 4,29% ou seja, 2 mil 256 empregos a mais do que o contingente de trabalhador aproveitado no ano passado.

Por setor econômico, no período de janeiro a novembro, a indústria apresentou um crescimento de 6,97% em relação ao mesmo período do ano passado, enquanto que a Construção Civil saiu de um crescimento negativo de 7,02% em 85 para um crescimento positivo de 8,68 no ano passado. Também merece destaque o nível de rotatividade da mão-de-obra, no total das atividades, que elevou-se de 2,07% para 2,93% entre novembro de 85 e o mesmo mês de 86, o que significa um aumento de 42%. Paradoxalmente, onde houve menor ritmo de mudança de emprego foi na construção civil, que caiu de 9,85% para 7,16% no período citado.